

Rosângela Pereira de Souza-1

1-UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

Durante o período de quatorze semanas, em aulas duplas ministradas semanalmente, foi realizada uma oficina de produção textual com alunos da 6.^a série da Escola Estadual Orlando Perez em São Carlos, SP, que fica localizada no bairro periférico Cidade Aracy.

O objetivo do projeto foi o de incentivar os alunos à leitura, bem como dispensar a eles um conhecimento sobre o que é e como desenvolver um conto. Com isso, puderam colocar em prática o aprendizado teórico que tiveram anteriormente sobre a construção de contos de terror. O gênero conto foi eficaz para leitura e trabalho em sala de aula por ser curto e de fácil leitura. O tema escolhido foi o terror, por ser atraente aos alunos dessa faixa etária.

Considerando que um escritor escreve por que é compelido a fazê-lo, tem um prazo e depois tem uma edição, uma modificação, de acordo com Possetti seria interessante ir além de simplesmente pedir uma redação aos alunos, incluindo um projeto que levasse um tempo para ser desenvolvido e que tivesse um período de correção e reescrita. O projeto foi elaborado de acordo com essa metodologia, pois abrange o período de explanação do conhecimento sobre o gênero textual com posterior escrita, seguida de correção e reescrita.

O projeto pedagógico foi apresentado pela escola. Entretanto, todo o planejamento das aulas, a oficina de produção textual, organização e revisão dos contos para a publicação ficaram sob a responsabilidade da aluna bolsista do PIBID. O resultado final será a publicação de um livro com os contos de terror escrito pelos alunos. Cada aluno terá um exemplar e alguns ficarão na biblioteca da escola, disponíveis a todos.

A oficina iniciou-se com uma visita dos alunos ao teatro para assistirem a uma peça cujo título era Diário Mal-assombrado, o que se adequava perfeitamente ao contexto do projeto. Dessa maneira, foi possível explicitar os elementos de terror envolvidos na criação do conto abordando a peça que foi assistida.

Após essa contextualização utilizando exemplos do que foi visto, começamos a parte prática. Os alunos foram divididos em grupos e lhes foram dados contos para que identificassem os elementos estudados, como narrador, tempo, enredo, espaço, personagens e depois eles apresentaram em sala de aula para os demais grupos.

Utilizando a forma midiática tão encantadora aos alunos, exibimos um desenho e um filme, ambos de terror, adequados à faixa etária dos alunos e que abordavam os elementos de terror e puderam, de uma maneira visual mostrar aos alunos o que eles poderiam agregar como prévio conhecimento para posterior escrita. Na forma escrita e narrativa, utilizamos alguns contos de terror para leitura individual seguida de reescrita em dupla com liberdade para modificar o enredo. Desse modo, os alunos poderiam ter uma ideia e exercitar a criatividade ao mesmo tempo.

Outro recurso utilizado para incitar a percepção e as sensações nos alunos foi o uso de vendas juntamente com a audição de contos de terror narrados com sonoplastia. Enquanto os alunos ouviam atentamente os contos, a sensibilidade auditiva ficou mais aflorada e a escuridão em seus olhos proporcionou o uso da imaginação, bem como a sensação do medo, visto que não havia possibilidade de escurecer a sala, eles puderam sentir os elementos com que deveriam trabalhar com uso das vendas nos olhos.

Depois de toda essa preparação dos alunos, proporcionando-lhes uma referência, uma orientação, um modelo e um ponto de partida para a escrita de seus contos, chegou o momento em que eles deveriam começar a criar e escrever. Após a primeira escrita individual criando seus próprios contos de terror, separamos a sala em duplas ou trios, e a eles foram distribuídos dois contos de outros alunos e eles verificaram se o texto estava compreensível e corrigiram anotando os erros numa folha à parte indicando em qual parágrafo/linha estavam e qual era a forma correta ou mais adequada de se expressar. Segundo Dolz, Gagnon e Decâncio, esse tipo de revisão em que os alunos trocam textos e

tentam corrigir é um dispositivo para auxiliar na correção e de acordo com a percepção do aluno por meio das anotações feitas sobre os erros, ele poderá melhorar o texto.

Depois da correção, o texto foi devolvido ao autor para que ele reescrevesse de acordo com as anotações do aluno revisor. As anotações foram feitas em uma folha de papel separada e anexada ao conto. Nessa atividade, os alunos se sentiram responsáveis pela correção e a realizaram com afinco. Foi feita uma posterior correção pela aluna bolsista com anotações ao final do conto de dúvidas que poderiam surgir no leitor quanto à compreensão e em seguida foi feita outra reescrita pelos alunos, atentando para essas observações. E todo esse material ficou junto, grampeado para que o aluno posteriormente pudesse verificar sua própria progressão.

Terminada a produção, foi o momento da digitação. A escola não possui computadores suficientes para os alunos em bom funcionamento, entretanto, os alunos pediram para que se revezassem na digitação, para que todos pudessem participar e colaboraram enquanto esperavam sua vez. Depois da digitação, o que não foi terminado, a bolsista terminou e fez novamente uma correção e a revisão final será feita pela professora cooperadora do projeto, juntamente com a supervisora, antes de enviar o material à gráfica.

A oficina foi eficaz, pois os alunos mostraram seu apreço evidenciando-o em aplausos depois do retorno das férias e também pela participação ativa durante todas as semanas. Notamos que a aproximação interclasse se deu e alguns alunos mais retraídos puderam se desprender um pouco mais e participar junto com os demais. Outro resultado positivo foi que os alunos se interessaram mais pela leitura e alguns por vontade própria retiraram livros na biblioteca para leitura do tema abordado. Um projeto como o executado torna possível e próximo ao aluno algo que é distante da sociedade a que pertence: o reconhecimento de seu trabalho e sua publicação em um livro. Além do mais, para a aluna de graduação em formação é de suma importância esse contato e trabalho desenvolvido para e com os alunos, pois possibilita uma prévia experiência do que é ser educador, podendo colocar em prática o aprendizado da teoria.

Referências Bibliográficas

- POSSENTI, Sírio. Aprender a escrever (re)escrevendo. Campinas: Cefiel/MEC, 2005. Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/cefiel/cursos/cursos_detalhes.php?codigo=12>
- DOLZ, Joaquim; GAGNON, Roxane; DECÂNDIO, Fabricio. Produção escrita e dificuldades de aprendizagem. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

Área: Letras

Palavras-chave: projeto, leitura, escrita, contos de terror